



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH VI
COLEGIADO DE LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

NÁDILA LUIZA OLIVEIRA NOGUEIRA

**MOVIMENTOS DISCURSIVOS EM TORNO DA SOLIDÃO DAS MULHERES
NEGRAS NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO* DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

CAETITÉ - BA

2022

NÁDILA LUIZA OLIVEIRA NOGUEIRA

**MOVIMENTOS DISCURSIVOS EM TORNO DA SOLIDÃO DAS MULHERES
NEGRAS NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO* DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Humanas, campus VI, da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Prof. Me. Victor Pereira Sousa.

CAETITÉ - BA

2022

NÁDILA LUIZA OLIVEIRA NOGUEIRA

**MOVIMENTOS DISCURSIVOS EM TORNO DA SOLIDÃO DAS MULHERES
NEGRAS NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO* DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Humanas, campus VI, da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Aprovação em: ____ de agosto de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Victor Pereira Sousa (UNEB)
Orientador

Profa. Dra. Zoraide Portela da Silva (UNEB)

Profa. Dra. Janaína de Jesus Santos (UNEB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela minha vida e por sempre me conduzir pelos melhores caminhos possíveis.

Aos meus pais, Ataíde e Adenice, que não mediram esforços para que esse grande sonho se tornasse possível. Vocês são tudo para mim! Vocês são minha vida! Essa vitória é nossa!

A minha irmã, Náila Cristina, por sempre estar ao meu lado nesses longos anos de estudo. Você é minha estrela!

Aos meus sobrinhos, Eduarda, Maria Clara e Miguel, por todo amor e incentivo durante esses anos. Vocês são luzes em minha vida!

Ao meu pequenino sobrinho-neto, Théo, que mesmo tão pequeno me ensina sobre o amor e me fez ter ainda mais vontade de concluir esse grande sonho. Você, titia, é meu coração fora do peito!

A minha avó, Santana Maria, por todo o incentivo e carinho nessa caminhada. Vó, você é a flor mais linda do meu jardim!

A meus tios, na pessoa de minha tia Elizete, por sempre me apoiar e incentivar a continuar estudando. Você é minha inspiração!

Ao meu companheiro de vida, Adalton Roriz, por não ter medido esforços para me ajudar de muitas maneiras durante esses 4 anos, sempre me dando muito carinho, amor e atenção. Dall, você é meu amor!

A minha amiga e companheira, Luane Leandra, por sempre me incentivar e apoiar. Lu, quando eu te encontrei no primeiro dia de aula da faculdade já soube que você se tornaria alguém muito especial. Você me ensinou muitas coisas. O presente mais lindo que a UNEB me deu! Você é minha joia rara!

A minha amiga Jaqueline, por ser essa pessoa que sempre me alegrou e me incentivou a continuar. Você é mais que especial, Jaque! Com você a caminhada ficou bem mais leve. Obrigada por tudo. Você é meu tesouro!

A minha querida amiga Lúzira. Você foi essencial em minha caminhada, Lu! Agradeço a você por tudo. Você é minha rosa!

As minhas amigas de infância: Cristina, Isa, Gardênia e Taynnara. Vocês não fazem ideia do quanto vocês foram importantes para mim durante esse processo. Eu amo vocês! Vocês são meus diamantes!

Aos professores Sidnay Fernandes e Victor Pereira, por terem confiado em meu trabalho e me orientado durante a minha trajetória acadêmica. A vocês, meu muito obrigada! Vocês são demais!

Às professoras Janaína de Jesus Santos e Zoraide Portela da Silva por aceitarem o convite para participar da minha banca juntamente ao meu querido orientador Victor Pereira. É uma honra tê-las comigo nesse momento tão especial!

À Universidade do Estado da Bahia, ao Colegiado de Letras Língua Portuguesa e Literaturas por terem me recebido tão bem. Aproveito para agradecer a cada professor que cruzou o meu caminho e plantou em mim uma sementinha do conhecimento. Vocês são especiais!

RESUMO

Desde a infância, as mulheres negras sofrem com os efeitos da solidão. Essa solidão não está relacionada apenas às questões afetivo-amorosas, mas diz respeito ao se sentir só ao longo da vida. A questão que se coloca, nesta pesquisa, é: como a solidão da mulher negra é construída discursivamente no interior da obra literária *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus? Assim, este estudo objetiva investigar de que forma a solidão da mulher negra é (re)produzida enquanto discurso no interior da obra literária em questão. Para tal investida, apresentaremos conceitos do campo do discurso a partir dos postulados de Foucault (2008), Pêcheux (1999), Fernandes (2008) e Orlandi (2015); faremos um percurso histórico pela noção de solidão, subsidiados pelas pesquisas de Akotirene (2019), Pacheco (2013) e Hooks (2000), e como ela se ressignifica no decorrer da história no mundo ocidental; selecionaremos, descreveremos e analisaremos os enunciados que trazem à tona a solidão de mulheres negras em *Quarto de despejo*; e identificaremos quais posicionamentos para a mulher negra enquanto sujeito são materializados na obra. Entendemos que reconhecer a existência da solidão e entender as suas raízes já é um avanço para desconstruir os estereótipos e os preconceitos relacionados às mulheres negras. Os discursos presentes no livro *Quarto de despejo* são reflexos da realidade cruel e desumana em que vivem as mulheres negras. Por essa razão, escolhemos essa obra, pois ela é produtora de efeitos de sentidos acerca das mulheres negras e que devem ser exploradas, a exemplo da solidão.

Palavras-chave: Discurso; Sujeito; Mulher negra; Solidão; Carolina Maria de Jesus.

ABSTRACT

Since childhood, black women have suffered from the effects of loneliness. This loneliness is not only related to affective-love issues, but is related to feeling alone throughout life. The question that arises in this research is: how is the loneliness of the black woman discursively constructed within the literary work *Quarto de despejo* by Carolina Maria de Jesus? Thus, this study aims to investigate how the loneliness of black women is (re)produced as a discourse within the literary work in question. To this end, we will present concepts from the field of discourse based on the postulates of Foucault (2008), Pêcheux (1999), Fernandes (2008) and Orlandi (2015); we will take a historical route through the notion of loneliness, supported by the research of Akotirene (2019), Pacheco (2013) and Hooks (2000), and how it is resignified in the course of history in the western world; we will select, describe and analyze the statements that bring out the loneliness of black women in *Quarto de despejo*; and we will identify which positions for the black woman as a subject are materialized in the work. We understand that recognizing the existence of loneliness and understanding its roots is already an advance to deconstruct stereotypes and prejudices related to black women. The speeches present in the book *Quarto de despejo* are reflections of the cruel and inhuman reality in which black women live. For this reason, we chose this work, as it produces effects of meanings about black women and that should be explored, such as loneliness.

Keywords: Discourse; Subject; Black woman; Loneliness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. DELIMITANDO CONCEITOS: DISCURSO, ENUNCIADO, ACONTECIMENTO E SUJEITO	11
1.1 A Análise do discurso e suas transformações.....	11
1.2 Discurso.....	13
1.3 O enunciado como possibilidade de Análise do discurso.....	14
1.4 Acontecimento.....	15
1.5 Sujeito.....	16
2. TÓPICOS DA SOLIDÃO E AS MULHERES NEGRAS	18
2.1 Tópicos da solidão: conceituação e dimensões.....	18
2.2 Identidade, etnia e gênero enquanto categorias da solidão.....	20
2.3 Mulheres negras e preterimento afetivo.....	24
3. MODOS DE ENUNCIAR A SOLIDÃO DAS MULHERES NEGRAS EM <i>QUARTO DE DESPEJO</i>	27
3.1 <i>Quarto de despejo</i> de Carolina Maria de Jesus: o fio narrativo.....	27
3.2 Quem é o sujeito mulher negra em <i>Quarto de despejo</i>	28
3.3 Posicionamentos do sujeito e o discurso da solidão.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

Desde a infância, as mulheres negras sofrem com os efeitos da solidão. Essa solidão não está relacionada apenas às questões afetivo-amorosas, mas diz respeito ao se sentir só ao longo da vida. Muitas mulheres negras experimentam a solidão na maternidade, no mercado de trabalho, por exemplo. Quando crianças, essas mulheres sofrem com a exclusão, com o preconceito e com a não aceitação por causa da cor da pele. Esse sofrimento só tende a crescer à medida que essas mulheres vão ficando mais velhas e começam a se relacionar afetivamente ou quando precisam ingressar no mercado de trabalho.

Tal sentimento atravessa as vivências de Carolina Maria de Jesus as quais foram compiladas na obra *Quarto de despejo*. Em toda a narrativa, percebe-se o sofrimento de Carolina, mãe de três filhos, moradora da favela, que cria os filhos sozinha sem nenhum auxílio, sendo, portanto, a única responsável por prover o sustento da família. Percebe-se que essa mulher vivencia muitos momentos de solidão em sua vida, não somente por causa da ausência de relacionamentos amorosos, mas também pelo jeito em que ela é tratada pela sociedade.

A questão que se coloca é: como a solidão da mulher negra é construída discursivamente no interior da obra literária *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus? Em primeira instância, acreditamos que a gênese do discurso da solidão da mulher negra é a opressão interseccional marcada pela raça, classe e gênero. Assim, o objetivo geral deste estudo é investigar de que forma a solidão da mulher negra é (re)produzida enquanto discurso no interior da obra literária em questão. Para tal investida, apresentaremos conceitos do campo do discurso; faremos um percurso histórico pela noção de solidão e como ela se ressignifica no decorrer da história no mundo ocidental; selecionaremos, descreveremos e analisaremos os enunciados que trazem à tona a solidão de mulheres em *Quarto de despejo*; e identificaremos quais posicionamentos para a mulher negra enquanto sujeito são materializados na obra.

A linha metodológica utilizada tem como base as teorias do discurso, pois dispõem de um referencial metodológico o qual nos oferece subsídios suficientes para a análise. Segundo Eni Orlandi (2015), no dispositivo teórico de interpretação, há uma parte em que o analista é responsável e outra parte que deriva da sua sustentação no rigor do método e na teoria da Análise do Discurso. Assim, cada análise é particular, pois exige que o analista, frente ao seu material de análise, mobilize conceitos que outro analista provavelmente não mobilizaria. Dessa forma, o analista constrói o dispositivo analítico a cada análise. Para dar conta dessa

proposta, utilizaremos os postulados de autores que nos servirão de base para as nossas análises, a saber: Foucault (2008), Pêcheux (1999), Fernandes (2008) e Orlandi (2015) com os conceitos de discurso, enunciado, sujeito e acontecimento discursivo; Akotirene (2019) no que se refere ao conceito de interseccionalidade; Pacheco (2013) e Hooks (2000) no que tange a solidão e afetividade das mulheres negras.

Este estudo está dividido em três capítulos: no primeiro, *Delimitando conceitos: discurso, acontecimento e sujeito*, revisitaremos a trajetória da AD enquanto disciplina, bem como discutiremos os conceitos basilares desse campo que serão produtivos nesta pesquisa; no segundo, apresentamos alguns *Tópicos da solidão e as mulheres negras*, onde trataremos da conceituação de solidão e da questão da mulher negra e o seu preterimento afetivo, além de apresentar um fio narrativo da obra *Quarto de despejo*; no terceiro, abordamos os *Modos de enunciar a solidão das mulheres negras em Quarto de despejo*” e discutimos acerca do posicionamento do sujeito mulher negra e o discurso de solidão na obra.

1. DELIMITANDO CONCEITOS: DISCURSO, ENUNCIADO, ACONTECIMENTO E SUJEITO

Neste capítulo, apresentaremos uma revisão bibliográfica, com destaque para os conceitos do campo do discurso que serão utilizados no decorrer das análises, a saber: discurso, acontecimento e sujeito. Primeiramente, discutimos como se deu o surgimento e evolução da Análise do Discurso e, em seguida, recuperamos alguns conceitos dessa disciplina. Posteriormente, procuramos fazer um entrelaçamento das teorias da AD com a temática da solidão das mulheres negras, a fim de compreendermos como a solidão dessas mulheres é (re)produzida discursivamente na obra literária *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus. Utilizamos a AD porque esse campo do saber dispõe de um referencial metodológico que oferece subsídios suficientes para o tipo de análise que, aqui, aventuramos a fazer.

1.1 A Análise do discurso e suas transformações

A Análise do discurso é uma disciplina que surgiu na França no ano de 1969 em um momento de domínio do estruturalismo. Sua fundação teve como responsáveis o linguista Jean Dubois e o filósofo Michel Pêcheux. O ano de 1969 foi marcado pela teoria que mudou o modo de como se concebia a língua em uso. A análise de discurso francesa se caracteriza por articular a materialidade da língua, da história, do social e do político.

Os estudos de Michel Pêcheux trouxeram uma abordagem diferente para se pensar a ciência da linguagem. Até então, na visão estruturalista, a língua não era apreendida na sua relação com o mundo exterior, e sim na estrutura interna de um sistema fechado em si mesmo. A AD, segundo Pêcheux (1983), traz uma concepção diferente, uma vez que durante todo o seu desenvolvimento a concepção da língua vai além de um conjunto de regras internas, ou seja, de uma estrutura.

Como afirma Denise Maldidier (1997, p. 181), em *Elementos para uma análise do discurso na França*, “a história da constituição da AD pode, talvez, ser vista como uma amostra da história das ciências dentro de um domínio, onde a ruptura é sempre lugar de recobrimentos”. Dessa forma, houve desconstruções e reconfigurações no quadro teórico da Análise de Discurso francesa que se configuraram nas três fases destacadas por Pêcheux.

A primeira fase da AD foi marcada pela análise automática do discurso por se dedicar à análise de discursos mais fechados e estabilizados, ou seja, discursos menos polêmicos com

menores possibilidades de variação de sentido, sendo passíveis de serem analisados por uma máquina lógico-semântica. Ao selecionar *corpora* fechados, analisá-los linguisticamente e discursivamente e depois evidenciar que as relações identificadas com estes procedimentos geram-se por uma mesma estrutura, constrói a noção de Máquina Discursiva em que o outro subordina-se ao mesmo. Além disso, pelo fato de o discurso ser fechado, o sujeito, segundo Pêcheux (1983), passa a ser assujeitado, pois o falante pensa ser o criador de seu discurso.

Pêcheux (1983) afirma que os processos discursivos são gerados através das máquinas discursivas que são condições de produção estáveis. Segundo ele, diferentes processos discursivos referem-se a diferentes máquinas discursivas e cada uma delas é idêntica a si mesma e fechada a si mesma. Vale ressaltar que Pêcheux (1983), em seu livro *Análise Automática do Discurso*, destaca sua contrariedade em relação à linguagem apenas do esquema reacional ou informacional, advertindo que ocorre a exclusão das ações das regras, das normas que os indivíduos estabelecem entre si. No entanto, foram feitos vários questionamentos a Análise Automática do Discurso e, por isso, surge a segunda fase da AD.

Nesse momento, o conceito de máquina discursiva fechada começa a explodir, sendo substituído pelo conceito de formação discursiva, formulado por Michel Foucault. Desse modo, segundo Pêcheux (1995), a formação discursiva determina o que pode e deve ser dito a partir de um lugar social. Ela define-se sempre em relação a outras formações discursivas, a um externo, não pode ser concebida como um espaço estrutural fechado como acontecia com as máquinas discursivas na primeira fase. Assim, a Análise do discurso deixa de lado o conceito de máquina discursiva e amplia o conjunto de discursos passíveis de análise, pois não mais considera a noção de discurso estabilizado.

Os problemas da segunda fase colaboraram para o surgimento da terceira, na qual foram feitas novas formulações no quadro da AD. Esse período foi marcado pela desconstrução das máquinas discursivas e ascensão do conceito de interdiscursividade, pois os discursos de uma formação discursiva não são independentes, mas inseparáveis dela. Será a relação interdiscursiva que estruturará a identidade das formações discursivas. E, como afirma Pêcheux (1983), com essa concepção de objeto de análise, que é o interdiscurso, as análises por etapa, de ordem fixa, explodem definitivamente. Na terceira fase, surge grandes avanços para a trajetória da AD. O discurso não é mais visto como algo fechado em si próprio, é atravessado pela interdiscursividade e mantém relações de delimitação recíproca com outros discursos, sejam eles do mesmo campo discursivo ou de campos diferentes.

Diante das discussões acima, percebe-se que foram bem significativas as diferenças entre as três fases da AD. Vale ressaltar também como a teoria de Michel Pêcheux evoluiu

desde o conceito de máquina discursiva, na primeira fase, ao conceito de formação discursiva e depois ao de interdiscurso já na última fase. Mesmo com todas essas mudanças, a Análise do discurso continua com a visão de que a língua se constitui como algo bem mais complexo que uma estrutura, considerando os fatores históricos, sociais, políticos e ideológicos que estão atuando nessa materialidade linguística.

1.2 Discurso

A concepção de linguagem tem sido muito discutida no decorrer do tempo e percebe-se cada vez mais o surgimento de reflexões diferentes a respeito dela. A linguagem apresenta-se como a capacidade que o ser humano tem de fazer representações e expressar-se, seja por meio de gestos, imagens, palavras, dentre outros.

Para Saussure (2006), o estudo da linguagem se divide em duas partes: a língua (*langue*) e a fala (*parole*). A primeira refere-se a parte social, e a segunda se apresenta como a parte individual da linguagem. Assim, ele escolhe a língua como seu objeto de estudo e a considera como um sistema de signos. Para ele, a linguagem é um processo no qual se estabelece a comunicação e realiza-se uma simples transmissão de mensagem de um emissor para um receptor, considerando o signo da língua como um sistema fechado sem vínculos ideológicos.

No entanto, no avanço dos estudos linguísticos, outros pesquisadores têm visto que a linguagem não se constitui apenas como um processo comunicativo, ou seja, além de código ela representa a exterioridade. Segundo Orlandi (2015, p. 13), “[...] a Análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”. A linguagem só é linguagem porque faz sentido e este se dá pelo fato dela está inscrita na história.

Nessa perspectiva, segundo os princípios da AD que servirão de base para este trabalho, a linguagem é constituída por discursos, que são efeitos de sentidos entre locutores, é a palavra em movimento e é onde a ideologia se manifesta. Dessa forma, o intuito não é só transmitir informações, pois nesse processo de interlocução os sujeitos vão se constituindo e vão sendo afetados pela história. Como afirma Orlandi (2007, p. 15),

A Análise de discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Vale lembrar que o discurso se traduz em uma exterioridade à língua, uma vez que ele se presentifica no social, no histórico. Por essa razão, nos termos de Orlandi (2007), o discurso não diz respeito a uma transmissão de informação, no qual um fala e o outro assimila, não existe essa linearidade.

Já para Michel Foucault (2008, p. 132), o discurso é “um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva”. Essa é uma das muitas definições de discursos defendida pelo referido autor e não deve ser considerada isoladamente. Em grande parte das formulações sobre discurso, há uma referência ao enunciado. O discurso é “[...] é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (FOUCAULT, 2008, p. 132-133).

1.3 O enunciado como possibilidade de Análise do discurso

Foucault (2008), em *A Arqueologia do Saber*, traz discussões pertinentes em relação ao conceito de enunciado. Ele apresenta algumas interpretações a respeito do que não deve ser considerado um enunciado. Segundo ele, o conceito de enunciado não coincide com as concepções de frase, de proposição e de atos de fala. Enunciado não pode ser confundido com uma proposição, visto que, do ponto de vista lógico, enunciados distintos podem ser classificados como iguais. O enunciado também não deve ser confundido com a frase, pois há enunciados que não são frases a exemplo das imagens. Assim, frase e enunciado não são equivalentes. Em uma dada frase pode haver muitos enunciados, porém o enunciado não se reduz a uma frase, a uma unidade linguística, ele não é, segundo Foucault (2008, p. 120), “[...] superior ao fenômeno e à palavra, inferior ao texto”. Ele afirma ainda que o enunciado não se pode confundir com o ato de fala, já que em um ato de fala pode-se ter mais de um enunciado. Além disso, o ato de fala não é algo que acontece antes ou depois do enunciado, mas sim aquilo que é produzido na própria enunciação.

Assim, compreende-se que o enunciado não se pode reduzir à lógica das proposições, nem à parte gramatical que analisa as frases e, também, não deve se reduzir a análise dos atos da linguagem. Dessa maneira, a partir das discussões acima, percebe-se que não é possível definir o enunciado enquanto estrutura, uma vez que os enunciados não podem ser considerados imutáveis e fixos. Para Foucault (2008, p. 98),

Trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão presentes aí ou não. O enunciado não é, pois, uma estrutura [...] É uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado em sua formulação (oral ou escrita).

Em outros termos, o enunciado se configura como uma função que garantirá a existência do discurso. O enunciado tem o poder de atravessar uma frase, um ato de fala, proposições. Assim sendo, a função de existência do enunciado possibilita a emergência do discurso, das frases, das proposições e dos atos de fala.

Conforme Foucault (2008), há quatro elementos básicos que constituem o enunciado: 1) o referencial que forma o lugar, a condição e o campo de emergência; 2) a relação envolvendo um sujeito – que é uma função vazia, variável que pode ser preenchida por qualquer indivíduo; 3) o campo associado, já que todo enunciado pode se associar a outros; 4) e a materialidade possível de ser repetida que está relacionada com a substância, o suporte, a data e o lugar com que os enunciados emergem. Assim, para se descrever um enunciado, é necessário levar em consideração esses quatro elementos essenciais de sua existência.

Pelo fato de o enunciado ser considerado uma função de existência, ele não existe sozinho, está associado a outros enunciados e está relacionado com a historicidade. Assim, tem-se que nenhum enunciado é independente e para que ele faça sentido é necessário que esteja interligado com outros enunciados.

1.4 Acontecimento

Outra noção relevante para este trabalho é a de acontecimento. Michel Pêcheux se serviu da noção de acontecimento na tentativa de explicar a impossibilidade de demarcar limites nas variações de sentido de um discurso. Para que o acontecimento discursivo surja, é necessário que alguém o crie. Segundo Pêcheux (2006, p. 17), um acontecimento “é um ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória”. Desse modo, o acontecimento discursivo pode ser visto como uma relação entre o fato, a circulação e atualização deste.

O acontecimento discursivo dá a possibilidade de o enunciado se resignificar, produzir outros significados, sem apagar os que vieram antes. Para Pêcheux (2006), a noção de acontecimento não diz respeito apenas ao fato exterior ao discurso, mas é um elemento constitutivo da discursividade. Dessa forma, existe o acontecimento discursivo quando a atualidade se debate com uma memória, com um fato do passado.

Vale ressaltar ainda o conceito de acontecimento histórico que, segundo Pêcheux (1999, p. 49), é “um elemento histórico descontínuo e exterior”, ou seja, é uma ocorrência que possibilita novas leituras dos acontecimentos. Dela-Silva (2008, p. 14) destaca que o acontecimento histórico “consiste em um fato que, por sua relevância enquanto ocorrência no mundo, passa a ser lembrado na história, fazendo parte do dizer sobre o passado de um povo, narrado pela ciência histórica”. Pode-se dizer que há uma grande ligação entre o acontecimento histórico e o acontecimento discursivo.

Para exemplificar essa questão, podemos utilizar o evento “Marcha das Vadias”, um movimento que protesta pelo direito de liberdade das mulheres usarem as roupas e se comportarem como quiserem. Em janeiro de 2011, o policial Michael Sanguinetti proferiu uma frase sobre o estupro na Universidade de Toronto. O policial defendeu a ideia de que as mulheres deveriam evitar se vestir como vadias para não serem vítimas de estupro. No discurso do policial, é possível perceber o deslocamento da culpa que deixa de ser dos agressores e passa a ser das vítimas.

O movimento feminista se apropriou do termo “vadia” e o ressignificou a partir de uma atualização desse enunciado. Esse termo foi utilizado em muitos protestos feitos por mulheres com uma nova significação. Assim, a “Marcha das Vadias” representa tanto um acontecimento histórico como um acontecimento discursivo, uma vez que o termo “vadia” utilizado pelo policial entrou em um embate com a memória e foi atualizado, obtendo, portanto, um novo significado. Diante de todas essas discussões, compreende-se que o acontecimento histórico, na visão da AD, pode ser discursivizado de várias formas e pode produzir efeitos de sentidos distintos.

1.5 Sujeito

Em nosso percurso pela teoria do discurso, pudemos perceber como ela está relacionada aos sujeitos. Na AD, o sujeito não se refere ao indivíduo, ao sujeito empírico, mas sim ao sujeito do discurso que é atravessado pela linguagem, pelo social, pela ideologia, pela história. Dessa forma, Foucault (2008, p. 108) afirma que “descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito”.

Fernandes (2008, p. 22), em *Análise do discurso: reflexões introdutórias*, compartilha dessa ideia de que o conceito de sujeito não está relacionado a um sujeito material, mas sim

a “um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro”. Para Fernandes (2008), o sujeito não deve ser visto como um ser empírico que tem uma existência particular no mundo, pois o sujeito do discurso não é um ser individualizado.

Nesse sentido, ao analisar o discurso, devemos pensar o sujeito enquanto uma posição vazia, que pode ser ocupada por qualquer indivíduo, já que o sujeito da AD não é um sujeito em si, mas um sujeito falante e falado pelo fato de outros dizeres serem ditos por meio dele. Foucault (2008) ainda defende que o sujeito do enunciado não pode se reduzir aos elementos gramaticais, pelo fato de o autor não ser idêntico ao sujeito do enunciado. Nessa perspectiva, o sujeito é conceituado pela sua dispersão e descontinuidade em relação a si mesmo “nos diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala” (FOUCAULT, 2008, p. 61.)

Pensar o sujeito é pensar em quem fala e quem tem o direito de proferir determinado discurso. Para exemplificar essa questão, Foucault (2008) utiliza o discurso médico. Esse discurso só pode ser dito por alguém que tenha o status de médico, uma vez que o espaço de atuação desse sujeito é delimitado. Nesse caso, o médico fala de um lugar que é institucionalmente reconhecido, de um lugar em que seu discurso é autorizado.

2. TÓPICOS DA SOLIDÃO E AS MULHERES NEGRAS

Neste capítulo, apresentaremos tópicos da solidão: suas conceituações e dimensões com o objetivo de explorar essa noção sob a ótica de várias áreas do conhecimento. Buscaremos, também, estabelecer um diálogo entre os conceitos de identidade, etnia e gênero enquanto categorias da solidão, além de aguçar uma relação entre as mulheres negras e o preterimento afetivo. Todas essas discussões servirão para validar que a solidão das mulheres negras não acontece de forma isolada, mas está relacionada a diversos fatores, como o racismo e o machismo.

2.1 Tópicos da solidão: conceituação e dimensões

A noção de solidão é explorada por diferentes áreas do conhecimento, tais como a filosofia, a sociologia e a psicologia. Diversas são as discussões sobre esse conceito de grande relevância social e, por isso, alguns autores têm buscado, a partir de seus estudos, definir a solidão. Alguns estudiosos a definem em um sentido mais negativo, como algo que prejudica o ser; outros acreditam que a solidão seja um aspecto necessário para o indivíduo. Nesta seção, propomos apresentar algumas definições da solidão, levando em consideração o sujeito mulher negra.

A solidão se configura como algo muito complexo e subjetivo, uma vez que não é fácil explicar e compreender as relações entre a solidão, o isolamento e o viver sozinho. O fato é que a solidão é um fenômeno de difícil entendimento, pois, segundo Tatiane Prette Kuznier (2016, p. 29), há um “delicado limite entre ser sozinho e estar sozinho”.

No que tange a visão da sociologia em relação à solidão, Antônio Máspoli de Araújo Gomes (2001) defende que a solidão se constitui como um subproduto da construção social do ser. Quando o indivíduo afirma sua individualidade, ele também afirma a fragmentação do universo social e o isolamento do outro. Isso pode tornar-se difícil de suportar e fazer com que haja a busca de se superar essa situação por meio das relações interpessoais e, também, do engajamento. Gomes (2001) chama a atenção ainda para a diferenciação da solidão e do isolamento social. Segundo ele, este último está ligado à falta de contatos sociais e a separação do espaço físico, considerando o isolamento como passivo e voluntário. Nesse sentido, o isolamento social passivo é aquele que é determinado por situações sociais que levam o indivíduo a se isolar involuntariamente do seu contexto social. Já o isolamento social voluntário está relacionado com o desejo pessoal do indivíduo, levando ao entendimento de

que é uma escolha da pessoa. No caso deste trabalho, é possível identificar nos discursos da personagem Carolina, em *Quarto de despejo*, os dois tipos de isolamento.

Refletir sobre a solidão em um contexto sociopsicológico é um trabalho complexo, visto que os elementos coletivos e individuais se entrelaçam nessa perspectiva. Segundo Freud (1990), pertencer a um grupo expressa possibilidades de poder, entusiasmo e heroísmo, sentimentos que não conseguem ser vivenciados com a solidão. Assim, a vinculação descarta a ideia de impossibilidade.

Partindo da visão do campo da psicologia, segundo Pinheiro e Tamayo (1984, p. 30) a solidão pode assumir várias dimensões, dentre elas, estão os seguintes aspectos “[...] falta de objetivo e significado de vida; reação emocional; sentimento indesejado e desagradável; sentimento de isolamento e separação; deficiência nos relacionamentos e carência de intimidade; e *unattachment*.” Essas dimensões visam explicar o assunto e fornecer esclarecimentos para uma conceituação mais aprimorada sobre a o fenômeno da solidão.

Além das noções destacadas, cabe ressaltar que a solidão também pode ser objeto em outros enfoques, como um aspecto benéfico ao indivíduo. Segundo essa visão, a solidão é um estado de solitude, sendo considerada uma capacidade de ficar só de forma positiva. Em seu ensaio *Solidão Positiva*, Katz (1996, p. 26), um estudioso da Psicologia, propõe um novo jeito de se enxergar a solidão ao afirmar que “a solidão não é uma doença. Nem mesmo lhe é própria, mas uma conquista de muitos e poderia sê-la junto com outros”.

O filósofo Nietzsche também compartilha dessa visão da solidão como um elemento necessário ao ser, como virtude moral capaz de fazer com que o homem aprenda a pensar por si mesmo. Existe, então, a necessidade de se desenvolver a atitude solitária. Para Nietzsche (2008), a solidão é contemplativa e se aproxima do conceito grego *scholé*, como um elemento essencial para a busca da serenidade. A solidão, sob essa ótica, se constitui como algo imprescindível para o aprendizado de seguir a si mesmo. Por fim, a solidão é um modo de se preparar para estar com o outro, é uma forma de antecipar-se ao encontro do outro.

Desse modo, nesta pesquisa, buscaremos evidenciar os modos de enunciar a solidão, tanto em seu sentido negativo quanto em seu sentido positivo, a fim de mostrar os diversos sentidos que ela pode ter. Assim, é necessário pensar a solidão em suas diferentes faces, para não corrermos o risco de percebê-la somente como um aspecto ligado à exclusão e a falta de interação social, visto que, pensar a solidão dessa forma é reduzi-la ao campo do sofrimento. Na obra *Quarto de despejo*, percebe-se que os discursos da protagonista permeiam entre os diferentes sentidos da solidão, por causa das posições-sujeito que ela ocupa.

Assim, podemos afirmar que, na obra literária em questão, ao mesmo tempo em que o sujeito mulher negra ocupa a posição de tentar encontrar formas de não se ver sozinha e de se inserir em determinados grupos, criando mecanismos para ignorar a solidão; ocupa também a posição de querer estar sozinha, apreciando a sua própria companhia como algo necessário para si ou para tentar ignorar as diversas opressões que ela sofre dentro da sociedade, sendo melhor estar só sem muitos contatos.

2.2 Identidade, etnia e gênero enquanto categorias da solidão

As práticas culturais e históricas relacionadas à trajetória das mulheres negras não podem ser analisadas sem considerar a grande influência dos fatores social, racial e de gênero que permeiam as vivências dessas mulheres. Ao analisar o percurso do povo negro, principalmente das mulheres, é possível compreender a dimensão política e cultural do Brasil que se baseia em relações sociais e de poder. Assim, os conceitos de identidade, raça e gênero estão interligados entre si e não podem ser analisados de forma separada. Esta pesquisa traz uma identidade particular à raça negra e ao gênero feminino. Muitos autores estudam sobre identidade e a associam com a imagem e representação de si. Quando falamos em identidade, não podemos deixar de estabelecer o diálogo entre esse conceito e as categorias de raça e gênero.

O sociólogo Stuart Hall (2003) discorre sobre esse a identidade cultural na pós-modernidade, evidenciando os percursos do sujeito no decorrer da história. Segundo ele, as identidades modernas se encontram descentradas, ou seja, fragmentadas. Desse modo, ele classifica três concepções de identidade, a saber: 1) o sujeito do Iluminismo, 2) o sujeito sociológico e 3) o sujeito pós-moderno. Segundo a primeira concepção, o sujeito nascia e desenvolvia-se com um núcleo interior que era considerado o eu do indivíduo e coincidia com a sua identidade que era imutável, permanecia a mesma durante toda a existência da pessoa. Na segunda concepção, o sujeito refletia a complexidade do mundo moderno, sendo o núcleo essencial formado por meio das relações com outras pessoas que influenciavam o sujeito. Já na terceira concepção, a identidade é vista como um processo provisório e varável, no sentido de ser uma celebração móvel que se forma e se transforma de maneira contínua conforme se é interpelado nos sistemas culturais que cercam os sujeitos.

Desse modo, para Hall (2003), o sujeito fragmentado possui uma identidade cultural. Sendo assim, essa identidade se constitui como algo que é formado ao longo do tempo e não como algo inato ao sujeito. Por isso, cabe falar em identificação como um processo contínuo

ao invés de falar de identidade como algo pronto e acabado. Segundo o referido autor, o sujeito não possui uma identidade fixa, mas assume identidades diferentes em diferentes momentos, sendo possível essas identidades se contradizerem.

De acordo com Antônio da Costa Ciampa (1999), estudioso da psicologia social, a identidade é um processo de construção e desconstrução frequente que ocorre a partir das experiências do ser. Assim, para ele, a identidade se constitui como uma categoria psico-sócio-histórica, ou seja, a identidade do ser humano é formada a partir de um indivíduo que exerce papéis e encena personagens por meio de um processo de metamorfose. Por essa razão, a identidade é vista sob a ótica da totalidade, uma vez que ela é mutável e contraditória. Pode-se dizer que a identidade é formada e transformada no âmbito das relações sociais.

Em *Quarto de despejo*, a identidade da pessoa Carolina está relacionada com a identidade dela enquanto personagem e, também, com as demais personagens da obra e vice-versa. Segundo Hall (2003), a primeira noção de identidade diz respeito a igualdade e a diferença. Assim, de acordo com os grupos sociais que os indivíduos fazem parte, eles vão se igualando e se diferenciando. Na referida obra, Carolina recria a realidade na qual está inserida, interagindo com os outros personagens e faz com que eles se tornem também autores da história. Essa relação é característica da identidade enquanto encadeamento de múltiplas identidades baseando-se na igualdade e na diferença.

No fio narrativo da obra, Carolina narra a sua vivência do dia a dia, a sua relação com os outros moradores, as dificuldades que ela enfrenta para criar seus três filhos sozinha e o descaso das autoridades políticas. Por meio da escrita da autora, é possível perceber que o processo de formação de identidade só acontece por meio de elementos dialógicos, sociais e históricos. Pode-se dizer que Carolina assume várias identidades. Ela é mulher, negra, mãe solo, favelada, catadora de lixo, escritora, ou seja, exerce vários papéis sociais que a constituem como um sujeito completo mesmo que seja marcado por conflitos, e em alguns momentos, seja contraditório. Assim, não é possível compreender a identidade de Carolina sem pensar identidade social do grupo do qual ela faz parte, uma vez que a identidade tem total relação com o meio social. Nesse sentido, a identidade autoral de Carolina se relaciona com os vários papéis que ela assume na sociedade, e todos esses aspectos se conectam e formam a imagem de Carolina.

No entanto, é impossível pensar a identidade sem relacionar esse conceito com os de etnia e gênero para uma maior compreensão do tema desta pesquisa, que envolve a história da mulher negra e toda a sua trajetória existencial. Por isso, faz-se necessário promover um diálogo, por meio dos estudos da interseccionalidade, entre esses três conceitos basilares para

este estudo. Segundo a pesquisadora Elisabete Aparecida Pinto (2002), o conceito de etnia é novo para os estudos das Ciências Sociais. Nesse conceito, é possível perceber as noções de diferença e alteridade, mesmo que de forma implícita. Portanto, é quando se tem um contato com o outro que um determinado grupo e seus adeptos se diferenciam e produzem sua identidade própria que é também a identidade étnica. O antropólogo norueguês Fredrik Barth (1975) afirma que um grupo étnico é aquele que apresenta uma forma particular de organização social dentro de um sistema. Segundo esse autor, o grupo étnico não se diferencia tanto por causa de sua cultura e de suas características fenotípicas, e sim pelo modo como se organiza socialmente. Assim, pode-se dizer que a população negra se configura como um grupo étnico específico.

O conceito de gênero também é essencial para este estudo. Essa categoria analítica tem o intuito de desconstruir e desnaturalizar o fato de as desigualdades sociais serem baseadas no sexo. Por isso, é necessário entender essas desigualdades sociais por meio da categoria do gênero que permite o entendimento sobre a condição da mulher no Brasil e no mundo, principalmente da mulher negra. É imprescindível que os estudos de gênero ganhem cada vez mais força, para que haja o rompimento efetivo com essas desigualdades sociais que ainda assolam as mulheres de maneira mais intensiva.

Ainda na perspectiva do gênero, pontua-se que a construção social do gênero no Ocidente segue padrões e normas étnicas que ditam o seu comportamento. Em qualquer modelo social sempre foram estabelecidos modelos de comportamento feminino e masculino de acordo com os valores ligados às regras do mundo ocidental. Teresinha Bernardo (2002), pesquisadora do campo das ciências sociais, escreve que as mulheres recebem desde pequenas os princípios que orientarão o seu comportamento. Assim, as mulheres negras sentem de forma mais acentuada essa pressão herdada do mundo ocidental que dita como elas devem se comportar, sendo colocadas, na maioria das vezes, em situações de subalternidade.

Desse modo, cabe salientar que as trajetórias das mulheres negras, em sua maioria, são marcadas pela rejeição, seja nas relações afetivas, nas oportunidades negadas ou nas dificuldades de ascensão social. Embora a solidão da mulher negra não seja um tema amplamente debatido, é uma realidade vivenciada, cotidianamente, por muitas mulheres negras. Essa solidão não diz respeito apenas aos aspectos afetivo-amorosos, mas a todos os momentos da vida das mulheres negras que começam a ter contato com a solidão na infância. Muitas crianças negras são rejeitadas nas escolas, nos grupos de amigos e em outros espaços sociais. Segundo Pacheco (2013, p. 44),

[...] é possível entender determinadas experiências emocionais, como a solidão entre mulheres negras, e, ao mesmo tempo, informar outras dimensões da estrutura social como o seu entrelaçamento com as questões de gênero, raça, posição social e outras formas de poder historicamente situadas.

Percebemos, assim, que as mulheres negras sempre sofreram diversas opressões, por serem mulheres (gênero feminino) e por serem negras (descendência africana). O conceito da interseccionalidade surge com o propósito de dar conta de questões que eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista focado nos homens negros. Segundo Carla Akotirene (2019), militante e pesquisadora do feminismo negro no Brasil, a interseccionalidade busca abarcar as experiências e interseções que, especialmente, a mulher negra está submetida. Vale ressaltar que as opressões que essas mulheres sofreram e ainda sofrem acontecem de forma cruzada e interseccional, pois acontecem simultaneamente e não isoladamente.

A intersecção que ocorre entre os diferentes marcadores sociais pode ocasionar experiências de opressão e de solidão na vida das mulheres negras, pois já é muito difícil ser mulher na sociedade atual, imagina ser mulher, negra e periférica em um mundo racista e patriarcal. Assim, o racismo, o machismo e o sexismo são considerados fatores determinantes da solidão enfrentada por essas mulheres.

Fica evidente que as mulheres negras, todos os dias, precisam enfrentar as múltiplas opressões que as cercam. De acordo com Akotirene (2019), para a interseccionalidade, não há hierarquia de opressão, não há uma mais importante que a outra. Assim, qualquer ataque racial contra as mulheres negras é também uma questão de gênero, assim como qualquer ataque contra as pessoas negras é também uma questão de sexualidade. Por isso, a interseccionalidade é uma lente de análise muito eficiente na luta das mulheres negras contra as opressões.

Akotirene (2019, p. 63) defende que “a interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos”. Dessa forma, essas práticas culturais e históricas relacionadas à mulher negra não podem ser analisadas sem considerar a grande influência dos fatores racial e de gênero. A mulher negra é uma categoria analítica indispensável para a compreensão política da cultura e sociedade brasileira, visto que esse entendimento estrutura relações sociais e de poder.

Entendemos que a interseccionalidade se constitui como um instrumento capaz de permitir uma criticidade política para a compreensão da opressão cruzada, na qual o racismo é

interceptado por outras estruturas. Assim, aventuramo-nos a afirmar que a solidão das mulheres negras e suas dificuldades nas experiências afetivo-amorosas tem total relação com as opressões interseccionais que essas mulheres sofrem, visto que, desde a infância e por toda a vida, são renegadas e tratadas como pessoas que não merecem ser amadas.

Destarte, pode-se dizer que essa solidão enfrentada pelas mulheres negras, nesta perspectiva, foi imposta desde o evento da diáspora, fenômeno histórico e social, em que a população negra foi obrigada a deixar seu local de origem e seus costumes para ir para outras regiões do mundo viver sob um regime de escravidão. Esse tráfico transatlântico dos negros escravizados feito por meio dos navios negreiros, cerca de 11 milhões de africanos foram tirados à força da África e 5 milhões deles tiveram o Brasil como destino. O processo diaspórico foi muito complexo, pois abarcou a destruição de algumas sociedades e as inseriu, de forma forçada, em outra sociedade. Segundo Santos (2008, p. 12), “o tráfico internacional criou um mercado de pessoas que desestruturou reinos e nações, arrasou regiões, incrementou guerras e revoluções no continente africano.”

Assim, não foram só as pessoas que foram transportadas nesses fluxos forçados; nos navios negreiros, iam, também, os modos de vida, a cultura, a língua, a religião e as formas de organização política do povo negro. Por essa razão, a diáspora é um exemplo de violência e exploração de pessoas baseados em um sistema escravocrata. Por outro lado, a diáspora fez com que houvesse uma redefinição identitária que diz respeito a novos modos de ser e pensar o mundo. Assim, além de todo o processo de luta e sofrimento, os laços afetivos e vínculos familiares também fizeram parte desse processo.

2.3 Mulheres negras e preterimento afetivo

Desde a época colonial, o corpo feminino tem enfrentado o fardo de uma cultura baseada no machismo, no patriarcado e na imposição do poder, o que faz com que haja, cada vez mais, uma distinção social hierárquica entre homens e mulheres. A ideologia da submissão da mulher existe há muitos séculos e sempre aconteceu por meio da sexualidade e reprodução. Segundo Foucault (1988, p. 98),

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias. Não existe uma estratégia única, global, válida para toda a sociedade e uniformemente referente a todas as manifestações de sexo: a ideia, por exemplo, de muitas vezes se haver tentado, por diferentes meios, reduzir todo o sexo à sua função reprodutiva, à

sua forma heterossexual e adulta e à sua legitimidade matrimonial não se explica, sem a menor dúvida, os múltiplos objetivos visados, os inúmeros meios postos em ação nas políticas sexuais concernentes aos dois sexos, as diferentes idades e classes sociais.

Nesse sentido, na ótica foucaultiana, esse controle é, na verdade, uma estratégia de poder da sociedade contemporânea. Por isso, é necessário que haja a compreensão das relações de poder presentes na sociedade, as quais são responsáveis por construir verdades e subjetividades referentes à sexualidade.

Podemos somar a essa discussão o pensamento de Hooks (1995), que afirma que as mulheres negras, mais que qualquer outro grupo de mulheres na sociedade, são consideradas como se fossem apenas corpo, sem intelectualidade. Essa ideia remonta o tempo da escravidão colonial do Brasil em que se utilizavam os corpos das mulheres negras apenas para reprodução, com a finalidade de gerar outros escravizados. Para justificar essa exploração e estupro das mulheres, a cultura masculina e branca precisou criar estereótipos que apresentavam essas mulheres como pessoas hipersexualizadas e marcadas por um erotismo desenfreado.

Podemos notar que os corpos femininos, especialmente os negros, foram e ainda são vistos como objetos de desejo e acabam servindo ao objetivo de reforçar a imagem da mulher negra como amante e, assim, naturalizar a violência contra essas mulheres. Durante todo o período em que durou o processo de escravização, as mulheres negras foram estupradas pelos senhores que justificavam suas atitudes usando o fenótipo das mulheres negras, como se só o fato de serem negras fosse o suficiente para saírem ilesos dessas práticas de violência.

Até os dias atuais, percebemos que há um forte movimento de campanhas midiáticas que reforçam essa cultura, caracterizando as mulheres negras como objetos sexuais e sexualizadas ao extremo. As mulheres ainda são vistas como símbolo sexual e, por isso, a atenção ao corpo feminino está relacionada à erotização através de sua propagação nas mídias. Todas essas representações sociais começaram a integrar as produções do mundo ocidental, principalmente a partir do século XIX. As pessoas negras tiveram suas imagens associadas ao mundo da natureza por causa de suas características biológicas e físicas. À mulher negra, destinou-se as tarefas de reprodução da espécie e da raça. Dessa forma, é possível perceber que em diferentes momentos as escolhas afetivas são atravessadas pelas concepções da solidão, baseando-se em ideias racistas, sexistas e em desigualdades sociais.

No que se refere ao preterimento afetivo, uma pesquisa realizada por Laura Moutinho (2004), doutora em antropologia cultural, diz que as mulheres negras e pardas têm um período

de celibato maior e casam-se mais tardiamente quando comparadas com as mulheres brancas. O motivo da falta de pretendentes para as mulheres negras está relacionado com a constância de relações inter-raciais entre o homem negro e a mulher branca, uma vez que os próprios homens negros preferem as mulheres brancas. Esse fenômeno foi denominado palmitagem. O termo foi criado por mulheres negras brasileiras para se referir a homens negros que preferem estabelecer laços afetivos com mulheres brancas.

Segundo Gonzáles (1988), é nítido que a ideologia do branqueamento se apresenta na América Latina como um meio de fazer com que as populações negras e indígenas permaneçam em condições de submissão. Dessa forma, o racismo continuou a ser reproduzido e veiculado pelos meios de comunicação, fazendo com que se aceitasse a ideia de que o mundo ocidental detinha o conhecimento verdadeiro.

Por isso, acredita-se que o fato de o homem negro escolher a mulher branca está totalmente relacionado às determinações ideológicas baseadas nas construções da sociedade. O ideal de beleza que foi estabelecido como padrão sempre foi o do homem e da mulher branca, enquanto a população negra sempre teve sua estética renegada e inferiorizada. Isso explica a predileção dos homens, inclusive dos negros, pelas mulheres brancas.

Outro fato que explica a escolha dos homens negros em relação às mulheres brancas é a possibilidade de ascensão social que só é possível, de acordo com esse pensamento, relacionando-se com uma mulher branca, já que ela representa uma classe mais elevada quando comparada à mulher negra. Nesse sentido, relacionar-se com uma mulher branca além de possibilitar essa ascensão ao homem negro, dar a possibilidade dele fugir de seu padrão fenótipo e favorece a ideologia do branqueamento, uma vez que, com essa relação inter-racial a cor do homem negro tende a invisibilidade.

3. MODOS DE ENUNCIAR A SOLIDÃO DAS MULHERES NEGRAS EM *QUARTO DE DESPEJO*

Nesta seção, apresentaremos um breve resumo da obra *Quarto de despejo* a fim de contribuir para um maior entendimento acerca da temática trabalhada. Além disso, apresentaremos um recorte analítico com trechos da referida obra em diálogo com os conceitos da Análise do Discurso selecionados para esta pesquisa.

3.1 *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus: o fio narrativo

O livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, foi escrito em um formato de diário. Ao todo contabiliza-se vinte diários que foram escritos entre 15 de julho de 1955 e 1º de janeiro de 1960. O livro foi editado e publicado por Audálio Dantas, um jornalista da *Folha de São Paulo*¹ que se interessou pela escrita de Carolina e lutou, por muito tempo, para que a obra dela fosse considerada literatura. *Quarto de despejo* foi o primeiro livro de Carolina e teve uma grande repercussão no cenário mundial, sendo traduzido em treze línguas. O sucesso da publicação do referido livro possibilitou que Carolina saísse da favela e fosse morar em um bairro de classe média, sendo uma das poucas mulheres negras da época a conseguir se ascender socialmente.

A autora traz em seus diários uma narrativa de como ela conseguia sobreviver em uma sociedade tão desigual sendo uma catadora de lixo na cidade de São Paulo. Ela descreve ainda como a falta de dinheiro e de outro tipo de trabalho mais digno dificultaram a sua vida e a de seus três filhos, a saber: Vera Eunice, João José e José Carlos. Como ela era mãe solo, tinha que sustentar sozinha os seus filhos e ainda tinha que enfrentar o preconceito de não ter se casado novamente.

No livro, a autora descreve detalhes sobre as condições desumanas que ela e as pessoas viviam na favela do Canindé, localizada em São Paulo. Podemos perceber no fio narrativo o sofrimento, a angústia e a desilusão por parte dos personagens, uma vez que eles enfrentavam um contexto social muito desfavorável. Durante a escrita, Carolina pormenoriza a dura realidade das pessoas que enfrentam a fome, o racismo e a invisibilidade social, buscando sobreviver mesmo com a falta dos recursos básicos. Desse modo, o diário foi um

¹ É um jornal brasileiro editado na cidade de São Paulo e jornal de maior circulação do Brasil, com 340.511 exemplares, segundo o Instituto Verificador de Comunicação, em junho de 2020.

modo de expressão literária pensado por Carolina com o objetivo de denunciar as mazelas sociais que os moradores da favela da Canindé vivenciavam no cotidiano.

Carolina enfrentava a dura realidade de ser excluída por ser uma mulher negra sem condições financeiras e, também, por ser mãe solo. Foi nos diários, escritos em papéis que ela achava no lixo enquanto trabalhava para sustentar sua família, que Carolina encontrou uma forma de narrar suas experiências do dia a dia. Por isso, Meihy & Levine (1994, p. 47), afirmam que a história e a vivência de Carolina se ligam com diversos temas da sociedade brasileira contemporânea, a exemplo da desigualdade entre as classes sociais, da estratificação social e dos preconceitos contra a comunidade negra. A autora, por meio dos diários, consegue dar voz a uma narrativa excluída.

Por fim, o livro *Quarto de despejo* retrata a amarga realidade vivida pelos favelados na década de 1950, quando traz discursos sobre os costumes das pessoas, a miséria, a violência, a fome e as dificuldades de se obter trabalho digno. Da década de 1950 para cá, muita coisa mudou, mas o cenário de quem vive na miséria não se modificou tanto. Isso faz com que a obra de Carolina seja considerada atemporal, pois muito do que ela relatou em *Quarto de despejo* ainda se faz presente na atualidade.

3.2 Quem é o sujeito mulher negra em *Quarto de despejo*

Em *Quarto de despejo*, toda a narrativa está relacionada aos dias de luta em um ambiente de miséria, problemas sociais e violência. Carolina descreve, a partir de suas experiências, todas essas situações de forma minuciosa. Desse modo, o sujeito discursivo assume várias posições: mulher, autora, negra, pobre, favelada e mãe. Porém, nesta seção, a nossa preocupação estará em enfatizar a posição de sujeito mulher negra dentro da referida obra.

Por meio dos discursos presentes na obra, podemos perceber que o sujeito discursivo tinha ciência de que muitas das questões que ela enfrentava era pela sua condição de mulher negra. Em toda a história do Brasil, segundo a ativista e feminista Jurema Werneck (2010), as mulheres negras enfrentam situações de vulnerabilidade e precariedade no que tange as oportunidades sociais, o que interfere diretamente na qualidade de vida dessas mulheres. Na referida obra, o sujeito do discurso tem consciência de que não é fácil ser mulher nessa sociedade, como se pode perceber na formulação a seguir:

- Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe: — Porque a senhora não faz eu virar homem? (JESUS, 2014, p. 47)

Essa formulação revela um desejo do sujeito discursivo em ser um homem, não pelo fato de não gostar de ser mulher, mas sim como uma estratégia para se ter o mesmo poder que um homem tem dentro da sociedade brasileira. Assim, o sujeito reconhece que as dificuldades de acesso à escola, a um emprego formal, a um local de moradia digna e ao direito de se alimentar todos os dias; devem-se ao fato dela ser uma mulher negra dentro de um meio social marcado pelo patriarcado, pelo racismo e pelo machismo. O que poderia, segundo ela, não ser uma realidade se fosse um homem, já que muitas dessas dificuldades provavelmente não existiriam.

Nessa perspectiva, entende-se que a mulher enfrentou, e ainda enfrenta, muitos obstáculos e que eles são ainda mais difíceis quando se é negra, pois em nossa construção histórica, desde o período colonial, as mulheres negras sempre foram discriminadas. As práticas racistas já estão enraizadas na sociedade e afetam diretamente a vida pessoal e profissional dessas mulheres. Em *Quarto de despejo*, é possível perceber alguns discursos carregados de racismo e que atravessam as vivências de Carolina. Vejamos, portanto, as formulações a seguir:

- Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: —Está escrevendo, negra fídida! (JESUS, 2014, p. 23)
- [...] Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiame: —É pena você ser preta. (JESUS, 2014, p. 55)

Ao analisar essas formulações, percebemos a reprodução do racismo no discurso presentes nas materialidades acima. Assim, concluímos que a discriminação era uma constante na vida desse sujeito e, por essa razão, sentia-se tão mal vivendo na favela. A vida dessa mulher, desde a sua infância, conforme retratada na obra, foi marcada por dificuldades e pela falta de oportunidades. Ao chegar na favela, essas dificuldades foram ficando ainda mais acentuadas e a escrita funcionou como uma válvula de escape para ela. Porém, mesmo com todo preconceito enfrentado, a posição de sujeito em *Quarto de despejo*, não deixou de admirar o seu grupo étnico, como é possível observar na formulação a seguir:

- Esquecendo-se eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais educado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça êle já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2014, p. 55)

No entendimento dessa formação discursiva, temos um sujeito, atravessado pela ideologia e pela história, que está em seu lugar de fala e, segundo Foucault (2008), está autorizado a proferir determinado discurso. Carolina, enquanto mulher negra e conhecedora da importância do seu pertencimento a esse grupo étnico, assume a posição de sujeito que afirma o amor pela cor preta e pelo cabelo crespo, característicos do povo negro. Mesmo sofrendo preconceito por ser uma mulher preta, essa posição de sujeito se mostra resistente e não deixa de assumir sua identidade negra.

3.3 Posicionamentos do sujeito e o discurso da solidão

Como já tratamos anteriormente, desde a época colonial, as pessoas negras, principalmente as mulheres, têm sido renegadas pela sociedade. A mulher negra sempre encontrou dificuldades para se relacionar, seja no sentido de ter relações afetivo-amorosas mais firmes seja outros tipos de relações no meio social. Em *Quarto de despejo*, percebe-se como a narradora experimenta a solidão por ser mulher, negra, favelada e mãe solo.

Os discursos materializados nas formulações dos textos dos diários que compõem *Quarto de despejo* dizem respeito à solidão. Na obra, fica claro que Carolina não teve uma relação muito boa com os homens com os quais manteve algum tipo de contato, como podemos ver nas seguintes formulações:

- Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis (JESUS, 2014, p. 18).
- Ela disse-me para eu não iludir com os homens que eu posso arranjar outro filho e que o homem não contribui para criar o filho. Sorri e pensei: em relação aos homens, eu tenho experiências amargas. Já estou na maturidade, quadra que o sendo já criou raízes (JESUS, 2014, p. 36).

Por meio dessas formulações linguísticas, podemos assinalar ou identificar uma posição sujeito que prefere manter um distanciamento dos homens por ter tido experiências negativas com eles. A mulher que se revela preferiu ficar sozinha para não ter que se submeter a situações desfavoráveis. Assim, os discursos presentes permitem a conclusão de que a mulher-negra não quis envolver-se com alguém pelo fato de não se sentir segura ao lado deles. Entende-se que essa posição sujeito prefere ficar sozinha para se livrar de problemas e conflitos relacionados aos homens. O fato de a mulher-negra não querer se casar tem relação com algumas situações violentas contra as mulheres.

O sujeito que fala em *Quarto de despejo* também expressa sua angústia em ter que cuidar da casa e dos filhos sozinha e ainda ter que assumir todas as responsabilidades, como podemos ver na formulação a seguir:

- Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar (JESUS, 2014, p. 160).

No saber da formação discursiva a qual estabelece o que pode e/ou o que deve ser dito nos diários, é quase impossível estabelecer relações afetivas dentro da favela, pelo fato desse espaço não ser um local de solidariedade, não sendo um lugar propício para socializar vivências, como pode ser observado na formulação (8):

- Quem vive na favela deve procurar isolar-se, viver só (JESUS, 2014, p. 49).

A solidão irá se materializar enquanto discurso que envolve a mulher-negra no âmbito da maternidade. No fio narrativo, Carolina teve que lidar sozinha com o nascimento da filha, já que não tinha ninguém que pudesse ajudá-la. Como ela tinha outros filhos pequenos, preocupava-se com eles já que estava impossibilitada de cuidá-los por causa do repouso do parto. Vejamos, pois, a formulação linguística (9):

- Quando nasceu a Vera eu fiquei sosinha aqui na favela. Não apareceu uma mulher para lavar minhas roupas, olhar os meus filhos. Os meus filhos dormiam sujos. Eu fiquei na cama pensando nos filhos, com medo deles ir brincar nas margens do rio. Depois do parto a mulher não tem forças para erguer um braço. Depois do parto eu fiquei numa posição incomoda. Até quando Deus deu-me forças para ajeitar-me (JESUS, 2014, p. 49).

A posição de sujeito que identificamos nessa formulação indica o funcionamento de um discurso no qual a mulher-negra se angustia por não ter ninguém para ajudá-la em um momento tão delicado, como é o resguardo após o parto. Por essa razão, podemos dizer que a solidão não se reduz apenas aos relacionamentos amorosos e conjugais, mas também a outros tipos de relacionamentos sociais, como pode-se notar nesse discurso em que o sujeito se sente sozinho por não ter a ajuda de ninguém.

Durante muito tempo, foi construído um estereótipo sobre a mulher negra no que se refere ao trabalho. A mulher negra sempre vista como alguém que serve para tudo. Assim, ela seria boa para o trabalho servil e doméstico, mas não pode ser uma mulher que sente desejos de construir uma afetividade e projetos pessoais. Pode-se perceber isso na formulação (10), em que a posição de sujeito se preocupa muito com o trabalho, pois não tem ninguém para

ajudá-la com a criação dos filhos. Desse modo, ela não encontra tempo para pensar em se relacionar afetivamente com alguém e, mesmo se tivesse esse tempo, parece não está interessada pelo fato de já ter se decepcionado bastante com os homens, visto que eles só complicaram a sua vida.

- Eu tenho muito serviço. Não posso preocupar com homens. Meu ideal é comprar uma casa decente para os meus filhos. Eu, nunca tive sorte com homens. Por isso não amei ninguém. Os homens que passaram na minha vida só arranjaram complicações para mim. Filhos para eu criá-lo (JESUS, 2014, p. 160).

A fome é uma constante na vida dessa mulher. Em vários trechos da obra, encontramos formulações em que ela e a família tiveram que enfrentar a fome. Isso gera uma angústia, tristeza e solidão para esse sujeito que o faz pensar em se suicidar como uma alternativa de fugir dessa realidade. Assim, entende-se que não é possível ser feliz quando não se tem o básico para sobreviver, por isso, essa posição de sujeito chega a acreditar, em alguns momentos, que não existe motivos para continuar vivendo, como podemos perceber nas formulações (11) e (12):

- Já faz tanto tempo que estou no mundo que eu estou enjoado de viver. Também, com a fome que eu passo quem é pode viver contente? (JESUS, 2014, p. 121)
- Quero ver como é que eu vou morrer. Ninguém deve alimentar a ideia de suicídio. Mas hoje em dia os que vivem até chegar a hora da morte, é um herói. Porque quem é forte desanima (JESUS, 2014, p. 55).

A partir dessas formulações, podemos perceber que a posição de sujeito denuncia todo o contexto de solidão em que ela está inserida. O sujeito desse discurso chega a questionar como se é possível viver bem e feliz sem ter a dignidade de ter algo para se alimentar. Isso demonstra a fragilidade e solidão de uma mulher que, durante toda a sua vida, foi renegada, descartada e ignorada pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historicidade de mulheres negras, desde a ruptura diaspórica na África até a contemporaneidade, foi permeada pela solidão. As mulheres negras sempre sofreram diversas opressões, simultaneamente, por serem mulheres (gênero feminino) e por serem negras (descendência africana). De acordo com os olhares colonizadores/eurocêntricos, essas mulheres, em sua grande maioria, nunca foram vistas como pessoas merecedoras de serem amadas. Elas, historicamente, foram relegadas a um lugar de subalternização e hipersexualização. Por isso, foi relevante estudar e compreender, discursivamente, os efeitos dessa opressão interseccional que contribui diretamente para a solidão e influencia as experiências afetivas das mulheres negras.

Assim, em toda a nossa investida aqui, procuramos analisar a solidão de mulheres negras considerando os marcadores de raça, gênero e classe. Acreditamos, com isso, que esta pesquisa se fez relevante, pois nos propomos a falar da solidão, e como ela afeta diretamente a vida das mulheres negras. Entendemos que reconhecer a existência da solidão e entender as suas raízes já é um avanço para desconstruir os estereótipos e os preconceitos relacionados às mulheres negras. Este estudo se fez crucial também para o campo das investigações em torno da linguagem em articulação com o elemento histórico e social.

Os discursos presentes no livro *Quarto de Despejo* são reflexos da realidade cruel e desumana em que vivem as mulheres negras. Por essa razão, escolhemos essa obra, pois ela é produtora de efeitos de sentidos acerca das mulheres negras e que devem ser exploradas, a exemplo da solidão. Tal conceito foi tomado em seu um sentido amplo, pois não diz respeito apenas à questão afetivo-amorosa, mas refere-se também a solidão da mulher no mercado de trabalho, na maternidade e em outros espaços sociais.

É impossível pensar na trajetória das mulheres negras do Brasil sem pensar como as vivências dessas mulheres estão interseccionadas pelos marcadores sociais de gênero, raça e classe. Ao analisar a obra *Quarto de despejo*, de cunho autobiográfico, percebemos que os movimentos discursivos presentes na obra denunciam muitas opressões vividas pelas mulheres negras da favela. Carolina narra a sua própria história e revela também a realidade de muitas outras mulheres de sua época. Por isso, ao analisar os escritos de Carolina, é possível perceber resquícios de solidão em suas palavras, já que desde nova ela enfrentou a dura realidade de ser uma mulher negra em uma sociedade patriarcal, machista e sexista.

A partir das análises dos discursos sobre a solidão das mulheres negras, foi possível perceber que a história dessas mulheres, como bem retrata a obra *Quarto de despejo*, desde a ruptura diaspórica na África até a contemporaneidade, foi permeada pela solidão. *Quarto de despejo* é uma narrativa atemporal, escrita nos anos 1960, mas que ainda reflete uma ferida ainda aberta em nossa sociedade. A solidão da protagonista da obra não se reduziu apenas aos relacionamentos amorosos, mas também aos diversos outros tipos de relacionamentos sociais. Também não podemos reduzir a felicidade dessa mulher a um companheiro, pois ter uma companhia não é garantia de felicidade. O nosso trabalho foi demonstrar que muitas outras mulheres do Brasil, assim como Carolina, experimentam a solidão em diversas áreas de suas vidas pelo simples fato de serem mulheres negras.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.
- BERNARDO, Teresinha. **Seminário Interdisciplinar Cultura Afro-Brasileira e o Afrodescendente**. 2002.
- CIAMPA, Antônio da Costa. **Identidade**. In: LANE, Silvia T. M. [et. al.] *Psicologia Social o homem em movimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999. p. 58-78.
- DELA-SILVA, Silmara Cristina. **O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia**. Tese (Doutorado). IEL, Unicamp, Campinas, 2008.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2ª ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.
- GOMES, A. M. de A. (2001). **Solidão**: Uma abordagem interdisciplinar pela ótica da teologia bíblica reformada. *Fides Reformata*, 6(1). Recuperado de <http://cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/artigos.php>.
- HOOKS, Bell. **Vivendo de amor**. In: WERNECK, Jurema et al. (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras**. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000.
- JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- KUZNIER, T. P. (2016). **Tradução, adaptação e validação da UCLA Loneliness Scale (version 3) para o português do Brasil em uma amostra de idosos**. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- MALDIDIER, Denise. **Elementos para uma análise do discurso na França**. In: **Gestos de Leitura**. Campinas-SP: UNICAMP, 1997.
- MOUTINHO, Laura. **Discursos Normativos e Desejos Eróticos: a Arena das paixões e dos conflitos entre “Negros” e “Branços”**. **Sexualidade-gênero e sociedade**. Ano XI, Nº 20, maio de 2004.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert, M. **Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- NIETZSCHE, F. (2008). **Aurora: Reflexões sobre os pensamentos morais**. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013.

PÊCHEUX, M. **A análise de discurso: três épocas.** In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução Jonas de A. Romualdo. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014. p.311-318. [1983].

PÊCHEUX, M. **Papel da memória.** In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas (SP): Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Trad. Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

PINTO, Elisabete Aparecida. **Sexualidade na Identidade da Mulher Negra a partir da Diáspora Africana:** o caso do Brasil. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

SANTOS, José Antônio. **Diáspora africana:** paraíso perdido ou terra prometida. In: MACEDO, JR., org. *Desvendando a história da África* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 181-194. ISBN 978-85-386-0383-2.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 2006.

WERNECK, J. (2010). **Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras estratégias políticas contra o sexismo e o racismo.** *Revista da ABPN*, 1(1), 8-17.